

**&etc**  
*e tal*



alberto pimenta

read & mad



por mim não tenho razão de queixa. graças a uma série de acasos (porque nenhum lance de dados poderá jamais abolir inteiramente o acaso), as vozes de deus-da arte-do saber (liturgias, exposições, dramas, celebrações, prosas e versos, análises e sínteses) não me fazem literalmente falta nenhuma.

estou como monsieur duchamp quando descobriu o *ready-made*. o *ready-made*, uma excelente saída, que podia ter sido também uma excelente entrada, como quase todas as de monsieur duchamp. em primeiro lugar tornou antecipadamente inúteis as *faustosas* observações de adrian leverkühn (de thomas mann, aliás): «a obra é trabalho, trabalho de artista com vista a uma forma, a uma aparência — a questão é saber se no actual estado da nossa consciência, do nosso conhecimento e do nosso sentido de verdade ainda é lícito este jogo, ainda é espiritualmente possível...», etc. em segundo lugar veio resolver o problema do papel.

do papel da arte e do papel para a arte. branco ou de cor, papel: duas tão caras e falsas dimensões, paginadas ou entaladas em tela. portanto *ready-made*: posto aí pela natureza e sua indústria (ou vice-versa) ao alcance de todos.

adeus ao papel. ao esforço de o pintar ou de o escrever. adeus à natureza morta ou já em muito mau estado, à bobine de palavras tentando desenrodilhar-se da sua his-

tória para deixar na história o seu desenrodelamento, em altos e baixos, ondas e ressacas, em adjectivações e outras acções como anáforas e metáforas, fora e dentro do papel.

papel. imprensa nacional. do povo: selado, naturalmente. constituição de a república no papel. selos de a república em ladrilhos de papel. sentenças e sentenças em cestos de papéis. e o papel-moeda, esse o patrão e padrão da poética de kyrios aristóteles, desiderato querido de todas as épocas e escolas, realizado em arte por salvador dali e em parte por madame kristeva, a da bola de kristal (recebe só mediante marcação).

portanto *ready-made*. fim da beleza como fim. fim da ontologia. fim da ontologia da beleza em arte, ponto final. fim da discussão em torno de fragmento e acabamento. fim da teleologia. ponto final. ARTE APENAS DE VER. e nenhum dever da arte. mera função de ver. ver doutra maneira. com outros olhos. ponto final.

de resto, a hermenêutica tradicional mais ou menos pela mesma altura começou a chamar a atenção para o facto: a interpretação da arte é muito mais função da função que se lhe atribui que de qualquer espécie de pretensa essência. por exemplo walter benjamin: «tal como o peso absoluto que originariamente incidia no seu valor cultural fez da obra de arte em primeira linha um instrumento mágico que só tardiamente veio a ter reconhecimento como arte, assim o peso absoluto que hoje se atribui ao seu carácter exhibitório empresta-lhe funções novas, das quais a que actualmente se destaca, a artística, poderá mais tarde vir a ser considerada secundária».

porém ainda não foi. o *ready-made* deixou quase toda a gente frustrada. deixou frustrados todos os penúltimos metafísicos, que tanto tinham eles ainda também para fazer, em quadros e quadras e melopeias com peias ou sem peias, etc. foi grave.

mas mais grave ainda foi a frustração dos (hermeneutas) adicionais, que de repente se viram ameaçados de perder a sua função. *frust* de perder o *trust*: este terreno do *ready-made* não dava nem para caçar nem para construir em cima, não dava para arquitetar nada. alguns dedicaram-se então ainda mais intensamente à «propriedade horizontal»: andares e andares uns sobre os outros, em terrenos públicos: terreno-camões, por exemplo, ou terreno-baudelaire, ou terreno-pessoa, esse então dividido já em lotes e com a aprovação da câmara e tudo.

tapou vistas, claro, mas não alterou substancialmente o estado de coisas. a ruptura dos poetas com os géneros poéticos tradicionais no século 18, depois a ruptura com a retórica restante em começos do século 20 já tinham favorecido muito este tipo de saída para a «crise» (dos adicionais, claro).

o pior foi quando monsieur duchamp levou as coisas às últimas consequências e mostrou que não era preciso construir nada: SANITA É SANITA E NÃO É POR ISSO QUE É MENOS ARTE QUE O SONETO.

então aí alguns adicionais desatinaram e, receosos de que o negócio fechasse de vez, meteram-se eles mesmos na produção, isto é, na reprodução. cabecinhas bonitas, cabeças históricas, cabeçorras, tudo desatou adicionalmente a fazer versos: que pena que era acabarem, que a hora era como sempre metafísica e estava já na ponta da pena em linhas pequeninas. foi um desastre. adorno, hermeneuta tradicional, comenta: COMO TABULA RASA DE PROJEÇÕES SUBJECTIVAS A OBRA DE ARTE DESQUALIFICA-SE.

mete pena, mas fez escola. eu passo bem obrigado, e acho que os adicionais e os penúltimos metafísicos também têm direito a fazer a sua arte (sobretudo numa sociedade democrática). o que não têm direito (impunemente

claro) é a fazerem dos outros adicionalmente parvos, fingindo que estão a produzir quando na realidade estão a reproduzir, fingindo que estão a fazer novo quando na realidade estão só a fazer *de novo*, e pior, muito pior, cada vez pior claro. e isso é que é o pior.

porque o que fazem é CONSERVAR O MITO SEM O RITO, conservar a todo o transe o mito, depois de perdido o rito: é absurdo, é falso, não tem desculpa nenhuma mesmo quando a hora é tão permissiva. rito, ritmo: adeus ao rito, adeus ao ritmo. «o ritmo é meio caminho para atingir o silêncio», disse o poeta aleister crowley.

eu passo bem obrigado. por acaso conheci cedo a lola, que recebia nos reservados da «boémia» e tinha grande experiência da grande arte. o dante diz que era no «livro da sua memória» que trazia uma rubrica dizendo «incipit vita nova» (começa a vida nova). era o encontro com beatriz. eu para mim a lola foi como a beatriz para o dante. e devo dizer que o meu programa poético o devo inteiramente à lola, assim como o dante deve o seu à beatriz e os concretos a mallarmé.

a lola é que me fez ver que não há poesia na língua que fala, mas só na que não fala. não fala, mas mexe. e joga. quando se põem a falar, as línguas parecem-se todas umas com as outras. porém que modos diferentes têm de (re)mexer! com os dedos é a mesma coisa: goethe por exemplo diz que em roma contava os hexâmetros nas costas da amante. este goethe é um verdadeiro mestre: aposto que um dia desceu um bocadinho mais e encontrou a *siciliana*.

pois foi. a mim a lola ensinou-me toda a espécie de ritmos e fenómenos naturais (os sobrenaturais já me tinham ensinado em pequenino). depois disso ainda andei na universidade e houve senhores e senhoras que me ensinaram frases, entre elas a dum tal senhor testa, ou cabeça, ou valéry, que diz que «tudo quanto é novo em arte corresponde a um desejo antigo». isso é que eles gostavam desta!

isso é que eles fizeram os possíveis por substituir os desejos naturais que eu tinha por antigos desejos da humanidade! talvez para me levarem a compreender melhor a nova arte, presumo...

tratava-se, claro, de «dizer sem dizer», ou de «dizer por outras palavras», que é, como se sabe, o desejo mais antigo da humanidade. portanto, em vez de lola, lala, ou lalá, ou lulu. creio que também lili. sempre o mesmo: dizer por outras palavras, por palavras que «fiquem». que «fiquem» em vez da coisa, que morre: herança, código, siglas, runas. para não encarar as ruínas. a coisa arruína-se, mas fica a runa. está salvo o passado na identidade do presente. eterno presente sempre feito de passado.

eu é que não vou nisso. a lola ensinou-me a desconfiar dos desejos antigos. realizar os desejos enquanto não se desvalorizam, dizia a lola, que também percebia de finanças. nem runas por ruínas, nem facturas sobre o futuro. por isso estou bem, mesmo muito bem obrigado. mas sei que não é esse o caso dos adicionais e dos penúltimos metafísicos. e lamento. e por isso aqui vai uma pequena proposta.

uma pequena proposta, tomando em conta o estado das coisas. o estado das coisas já foi esmiuçado e descrito por uma data de gente. ora vamos lá resumir e repetir: a chamada autonomia da arte foi produto da separação que a sociedade burguesa introduziu entre o económico e o político por um lado (o «real») e o cultural e ritual por outro. a arte emancipou-se sim (das suas próprias normas, da sua ritualização), fingindo tornar-se ela o *verdadeiro real*, porém na verdade transformando-se apenas em mercadoria destinada a ser consumida por um público pagante, entre o devoto e o devoluto: público de concerto, de exposição, de teatro, de ópera. público leitor. a arte foi-se desprendendo do seu próprio rito de arte, mas manteve todo o mito, manteve-se como (g)rito dos sentimentos

*indizíveis*, lembranças, apóstrofes, esperanças (uma coxa, uma dor, a liberdade), o espaço de expressão e sublimação daquilo que a sociedade burguesa considera *ilegal*. deste modo foi mantendo preso a si um público pouco ou nada apreciador, impingindo-lhe a ideia de que era muito importante para ele (isto naturalmente até certo ponto com o apoio do próprio poder político e económico, sempre interessado em todos os espaços de sublimação ou limação subliminar). na verdade, a arte foi-se tornando cada vez mais importante apenas para si mesma... como comércio das tais «projeções subjectivas» de que adorno fala.

quer dizer que o processo que levou à autonomia da arte foi o que levou também à sua destruição. não haja dúvidas: a arte está destruída, é ela mesma a ruína das próprias runas, o tal mito que se esqueceu do próprio rito.

todos aqueles que com monsieur duchamp e os movimentos estéticos (anarco-estéticos) de começos do século tomaram consciência do estado de coisas atrás descrito recusaram-se a continuar a dizer os seus *indizíveis* para satisfação das frustrações burguesas. os penúltimos metafísicos e os adicionais passaram a FAZER O SONETO NO LUGAR DA SANITA. estes são os dados da questão.

voltemos então a monsieur duchamp. porque monsieur duchamp bem sabia: o que foi feito ritualmente em (p)arte é excelente. está um bocado estragado pela falta de uso, ou pelo uso forçado. está empalhado. não respira. serve só como as espécies do museu de história natural. está ali e os adicionais em certas ocasiões e datas dizem como é que o exemplar era por dentro. tecem considerações sobre o seu tempo e espaço (é-é-évocam) e tentam aproveitar o velho para um nome novo: propriedade horizontal. torres e torres de papel, pelas nuvens dentro.

o aborrecimento é que assim abafam o *medium* como o que ele é, como *meio*: «meio de produção de verdade»,



diz o poeta enzensberger. outro poeta diz que «como a verdade é relativa, toda a verdade é mentira», e eu prefiro este. por isso digo: «meio de produção de ouro» ou «crisopeia» (para os adicionais e técnicos da cultura em geral, claro).

só que eu agora venho propor outra alquimia. nada de defender o dono contra o intruso. nada de dono sequer. só intruso. intruso como todo o poeta no mundo. e, claro, em si mesmo. sobretudo em si mesmo. isto é, loucura: o que está no meio, o que está entre o princípio e o fim, sem saber nada de ambos nem de linhas que os unem.

para começar há que ir ao museu e tirar o *medium* da sua estante, estática e estética *ad eternum*. é o mesmo enzensberger que reflecte: «o museu é instituição cujo sentido se tornou obscuro. considera-se normalmente lugar para ser visto, em vez de lugar de trabalho. estaria mais certo pensar nele como num anexo do atelier... não mausoléu, mas lugar de permanente transformação. só quando a sua ordem for a do momento que passa é que poderá realizar a sua missão: subtrair as obras do passado tanto à mera admiração como ao esquecimento ou à imitação».

é isto: é disto mesmo que se trata. evolução não há, nem linha contínua. talvez haja fim, mas o princípio não se conhece. cada rito poético foi uma estrofe entoada em todos os tempos pela boca daqueles que se admiraram de ser portadores dum nome a unir princípio e fim. nascimento e morte? mas de quê? *read & mad* é o lema. e sem dúvida também o efeito para os que ignoram o que disse o poeta franz mon: «o poema é acontecimento, decurso dum minúsculo dramatismo que nunca teve começo».

se o poema é tudo, como dizer seja o que for sobre ele? e se por outro lado é *fragmento* (coisa nunca verdadeiramente começada nem verdadeiramente acabada) como dizer também seja o que for sobre ele?

tentar encaixes, tentar encaixes de fragmentos com fragmentos, isso sim. há que deixá-los... uns com os outros:

deixá-los copular, juntar-se, sempre em novas posições, como a lola recomendava. e por que não a beatriz? e sem dúvida mallarmé.

é isso: os adicionais bem como os penúltimos metafísicos mais não precisam, para chegar a uma arte *sua*, que pôr pelas próprias mãos a copular todos esses fragmentos de corpos rituais nascidos a séculos de distância, mas feitos uns para os outros.

nada na manga! píndaro e homero, horácio e catulo, lamb and tiger: basta juntá-los para os ver recuperar imediatamente o viço e o vício. ânsia de promiscuidade cada vez mais intensa para o *work in progress* final: O WORK IN PROGRESS PARA A ABOLIÇÃO DO WORK IN PROGRESS!

ladies and gentlemen: vejam, vejam só como a obra de camões e fernando pessoa combinam bem, como entram uma pela outra, heteras homónimas vindo-se com as suas estrofes como *yod* e *hé* na alquimia que produz *vau*. onde está o outro tão falado hermetismo? a complexidade da heteronímia? o problema de fixação dos textos? claro que só nas vossas cabeças adicionais.

este é o verdadeiro ouro, cujo segredo de produção torna qualquer um febril. *read & mad*, ladies and gentlemen! e, sobretudo, façam também o vosso jogo, as vossas apostas; «the result of all this is that all of you who are worth your salt will be absolutely delighted when I tell you to scrap all the rules and discover your own... this is, of course, what every man of science has to do in every experiment», como disse aleister crowley, sob cujo mágico signo convém pôr o super-camões...

e nada mais há a acrescentar além dos exemplos. além dos exemplos mais nada, a não ser o sorriso silencioso em que se anuncia o gozo de finalmente ter chegado a compreender.



*Com grandes esperanças já cantei  
Com que os deuses no Olimpo conquistara;  
Depois vim a chorar porque cantara  
E agora choro porque já chorei.*

*Deuses, forças, almas de ciência ou fé,  
Eh! Tanta explicação que nada explica!  
Estou sentado no cais numa barrica,  
E não compreendo mais do que de pé.*

*Se cuida nas passadas que já dei,  
Custa-me esta lembrança só tão cara,  
Que a dor de ver as mágoas que passara  
Tenho pela mor mágoa que passei.*

*Por que o havia de compreender?  
Pois sim, mas também por que o não havia?  
Pois logo, se está claro que um tormento  
Dá causa que outro na alma se acrescente,*

*Já nunca posso ter contentamento!  
Água do rio, correndo suja e fria,  
Eu passo como tu, sem mais valer...*

---

*Ó universo, novelo emaranhado,  
Que paciência de dedos de quem pensa  
Em outra cousa te põe separado?*

*Mas esta fantasia se me mente?  
Oh, ocioso e cego pensamento!  
Ainda eu imagino em ser contente!?*

*Deixa de ser novelo o que nos fica...  
A que brincar? Ao amor? A indiferença?  
Por mim, só me levanto da barrica.*

## II

---

*Por trás daquela janela  
Cuja cortina não muda  
Coloco a visão daquela  
Que a alma em si mesma estuda  
No desejo que a revela.*

*Aqueles claros olhos  
Que chorando ficavam  
Quando deles me partia  
Agora que farão? Quem mo diria?  
Porventura estarão em mim cuidando?*

*Se terão na memória  
Como ou quando deles me vim,  
Ou se estarão  
Aquele alegre dia  
Que torne a vê-los na alma figurando?...*

*Se contarão as horas  
E os momentos tão longe de alegria?  
Se acharão num momento  
Muitos anos? Se falarão  
Com as aves e com os ventos?*

*Não tenho falta de amor.  
Quem me queira não me falta.  
Mas teria outro sabor  
Se isto fosse interior  
Aquele janela alta.*

---

*Por quê? Se eu soubesse tinha  
Tudo o que desejo ter.  
Amei outrora a Rainha  
E há sempre na alma minha  
Um trono por preencher.*

*Sempre que posso sonhar,  
Sempre que não vejo ponho  
O trono nesse lugar;  
Além da cortina é o lar,  
Além da janela o sonho.*

*Oh bem-aventurados fingimentos  
Que nesta ausência  
Tão doces enganos  
Sabeis fazer  
Aos tristes pensamentos!*

*Assim, passando, entreteço  
O artifício do caminho  
É um pouco de mim me esqueço.  
Pois mais nada à vida peço  
Do que ser o seu vizinho.*

---

*Não sei se é sonho se realidade,  
Se uma mistura de sonho e vida,  
Aquela terra de suavidade  
Que na ilha extrema do sul se olvida.  
É a que ansiamos. Ali, ali  
A vida é jovem e o amor sorri.*

*Pois meus olhos não cansam de chorar  
Tristezas, que não cansam de cansar-me;  
Pois não abranda o fogo em que abrasar-me  
Pôde quem eu jamais pude abrandar,*

*Talvez palmares inexistentes,  
Aleas longínquas sem poder ser,  
Sombra ou sossego dêem aos crentes  
De que essa terra se pode ter.  
Felizes, nós? Ah, talvez, talvez  
Naquela terra, daquela vez.*

*Não canse o cego amor de me guiar  
A parte donde não saiba tornar-me;  
Nem deixe o mundo todo de escutar-me  
Enquanto me a voz fraca não deixar.*



---

*Mas já sonhada se desvirtua;  
Só de pensá-la cansou pensar.  
Sob os palmares, à luz da lua,  
Sente-se o frio de haver luar.  
Ah, nesta terra, também também  
O mal não cessa, não dura o bem.*

*E se em montes em rios ou em vales  
Piedade mora ou dentro mora amor  
Em feras, aves, plantas, pedras, águas,*

*Não é com ilhas do fim do mundo  
Nem com palmares de sonho ou não  
Que cura a alma seu mal profundo,  
Que o bem nos entra no coração.  
É em nós que é tudo. É ali, ali  
Que a vida é jovem e o amor sorri.*

*Ouçam a longa história de meus males  
E curem sua dor com minha dor:  
Que grandes mágoas  
Podem curar mágoas.*

#### IV

---

*Erros meus, má fortuna, amor ardente...  
Não sei. Falta-me um sentido, um tacto  
Para a vida, para o amor, para a glória.*

*Tudo passei: mas tenho tão presente  
A grande dor das cousas que passaram!  
Para que serve qualquer história  
Ou qualquer facto?*

*Estou só, só como ninguém ainda esteve,  
Oco dentro de mim, sem depois nem antes.  
Parece que passam sem ver-me os instantes  
Mas... em minha perdição se conjuraram:  
Passam sem que o seu passo seja leve.*

*Errei todo o discurso de meus anos,  
Que as magoadas iras me ensinaram  
A não querer já nunca ser contente.*

---

*Começo a ler, mas cansa-me o que ainda não li.  
Quero pensar, mas dói-me o que irei concluir.  
Dei causa a que a fortuna castigasse  
As minhas mal fundadas esperanças.*

*O sonho pesa-me antes de o ter. De amor  
Não vi senão breves enganos. Sentir  
É tudo uma coisa  
Como qualquer coisa que já vi.*

*Oh não ser nada, ser uma figura de romance,  
Sem vida, sem morte material, uma ideia,  
Qualquer coisa que nada tornasse útil ou feia,  
Uma sombra no chão irreal, um sonho num transe.*

*Os erros e a fortuna sobejaram,  
Que para mim bastava amor somente;  
Oh quem tanto pudesse que fartasse  
Este meu duro génio de vinganças!*

---

*Quando de minhas mágoas a comprida  
Imaginação os olhos me adormece,*

*No ouro sem fim da tarde morta,  
Na poeira de ouro sem lugar  
Da tarde que me passa à porta  
Para não parar,  
Em sonhos aquela alma me aparece.*

*No silêncio dourado ainda  
Dos arvoredos verde fim  
Que para mim  
Foi sonho nesta vida...*

*Recordo: eras antiga  
E linda, e estás em mim.*

*Lá numa saudade onde estendida  
A vista pelos campos desfalece,  
Corro para ela,  
E ela então parece  
Que mais de mim se alonga, compelida.*

*(Tua memória há sem que houvesse,  
Teu gesto sem que fosses alguém,  
Como uma brisa me estremece  
E eu choro um bem...)*

---

*Brado: Não me fujais, sombra benigna!  
Ela, os olhos em mim com brando pejo,  
Como quem diz que já não pode ser,  
Torna a fugir-me.*

*Perdi-te. Não te tive. A hora  
É suave para a minha dor.  
Deixa meu ser que rememora  
Sentir o amor,*

*Ainda que amar seja um receio,  
Uma lembrança falsa e vã,  
E a noite deste vago anseio  
Não tenha manhã!*

*E eu gritando: Dina  
Antes que diga Mene,  
Acordo e vejo  
Que nem um breve engano posso ter.*

---

*Busque amor novas artes, novo engenho  
Para matar-me  
E novas esquivanças;  
Que não pode tirar-me as esperanças  
Que mal me tirará o que eu não tenho.*

*O que há em mim é sobretudo cansaço —  
Não disto nem daquilo,  
Nem sequer de tudo ou de nada:  
Cansaço assim mesmo, ele mesmo,  
Cansaço.*

*Olhai de que esperanças me mantenho!  
Vede que perigosas seguranças!  
Que não temo contrastes nem mudanças  
Andando em bravo mar,  
Perdido o lenho.*

*A subtileza das sensações inúteis,  
As paixões violentas por coisa nenhuma,  
Os amores intensos por o suposto em alguém,  
Essas coisas todas —  
Essas e o que falta nelas eternamente;  
Tudo isso faz um cansaço,  
Este cansaço,  
Cansaço.*

---

*Há sem dúvida quem ame o infinito,  
Há sem dúvida quem deseje o impossível,  
Há sem dúvida quem não queira nada —  
Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:*

*Mas, conquanto não pode haver desgosto  
Onde esperança falta,  
Lá me esconde amor um mal  
Que mata e não se vê;*

*Porque eu amo infinitamente o finito,  
Porque eu desejo impossivelmente o possível,  
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,  
Ou até se não puder ser...*

*E o resultado?  
Para eles a vida vivida ou sonhada,  
Para eles o sonho sonhado ou vivido,  
Para eles a média entre tudo e nada, isto é, isto...  
Para mim só um grande, um profundo  
E, ah com que felicidade infecundo, cansaço.  
Um supremíssimo cansaço,  
Íssimo, íssimo, íssimo,  
Cansaço...*

*Que dias há que na alma me tem posto  
Um não sei quê,  
Que nasce não sei onde,  
Vem não sei como  
E dói não sei porquê.*

## VII

---

*O céu, a terra, o vento sossegado...  
As ondas, que se estendem pela areia...  
Os peixes, que no mar o sono enfreia...  
O nocturno silêncio repousado...*

*O sonho que se opôs a que eu vivesse,  
A esperança que não quis que eu acordasse,  
O amor fictício que nunca era esse,  
A glória eterna que velava a face.*

*O pescador Anónio que, deitado  
Onde com o vento a água se meneia,  
Chorando, o nome amado em vão nomeia,  
Que não pode ser mais que nomeado...*

*Por onde eu  
Louco sem loucura, passe,  
Esse conjunto absurdo a teia tece...  
E por mais que o destino me ajudasse,  
Quero crer que o Deus dele me esquecesse.*



---

*Por isso sou o deportado? — Ondas — dizia,  
Antes que amor me mate  
Tornai-me a minha ninfa,  
Que tão cedo  
Me fizestes à morte estar sujeita.*

*Ninguém lhe fala; o mar de longe bate;  
Move-se brandamente o arvoredos;  
E a ilha  
Com que, de natural e vegetável  
A imaginação se maravilha...*

*Nem frutos tem nem água que é potável...  
Do barco naufragado vê-se a quilha:  
Leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.*

## VIII

---

*A morte chega cedo, pois breve é toda a vida.*

*Doces lembranças de passada glória  
Que me tirou fortuna roubadora  
Deixai-me repousar em paz uma hora  
Que comigo ganhais pouca vitória.*

*Duma coisa perdida o instante é o arremedo.*

*O amor foi começado, o ideal não acabou,  
E quem tenha alcançado  
Não sabe o que alcançou.*

*Vivo em lembranças,  
Morro de esquecido  
De quem sempre devera ser lembrado  
Se lhe lembrara estado tão contente...*

---

*Impressa tenho na alma  
A larga história  
Deste passado bem que nunca fôra;  
Ou fôra e não passara;  
Mas já agora  
Em mim não pode haver mais que a memória.*

*E a tudo isto a morte  
Risca por não estar certo  
No caderno da sorte  
Que Deus deixou aberto.*

*Oh, quem tornar pudera a ser nascido!  
Soubera-me lograr do bem passado  
Se conhecer soubera  
O mal presente!*

## IX

---

*Posto me tem fortuna em tal estado  
E tanto a seus pés me tem rendido,  
Já que o mal este só remédio tem,  
Não me culpem em querer remédio tal.*

*Cansa ser, sentir dói, pensar destrui.  
Não tenho que perder já, de perdido,  
Todo o bem para mim é acabado:  
Alheia a nós, em nós e fora,  
Rui a hora e tudo nela rui.  
Inutilmente a alma o chora.*

*De que serve? O que é que tem que servir?  
Não tenho que mudar já, de mudado.  
Daqui dou o viver já por vivido  
Que, onde o mal é tão conhecido,*

*Também o viver mais será escusado:  
Pálido esboço leve do sol de inverno  
Sobre meu leito a sorrir...  
Vago sussurro breve.*

---

*Se me basta querer, a morte quero,  
E pois do bem tão pouco espero,  
Das pequenas vozes com que a manhã acorda,  
Da fútil promessa do dia,*

*Morta ao nascer  
Na esperança longínqua e absurda  
Em que a alma se fia  
— Que bem outra esperança não convém...*

*E curarei um mal com  
Outro mal.*

---

*Correm turvas as águas deste rio,  
Que as do céu e as do monte as enturbaram.  
Cansa sentir quando se pensa:  
Os campos florescidos se secaram,  
Intratável se fez o vale e frio.*

*Passou o verão, passou o ardente estio,  
Umás cousas por outras se trocaram;  
No ar da noite a madrugada  
Há uma solidão imensa  
Que tem por corpo o frio do ar.*

*Os fementidos fados já deixaram  
Do mundo o regimento ou desvario:  
Neste mundo insone e triste  
Em que não sei quem hei-de ser,  
Pesa-me o informe real que existe  
Na noite antes de amanhecer.*

---

*Tem o tempo sua ordem já sabida;  
O mundo não: mas anda tão confuso  
Que parece que Deus dele se esquece.*

*Tudo isto me parece tudo.  
E é uma noite a ter um fim,  
Um negro astral silêncio surdo  
E não poder viver assim.*

*Casos, opiniões, natura e uso  
Fazem que nos pareça desta vida  
Que não há nela mais que o que parece.*

*(Tudo isto me parece tudo.  
Mas noite, frio, negror sem fim,  
Mundo mudo, silêncio mudo —  
Ah, nada é isto, nada é assim!)*

*Que poderei do mundo já querer?  
Montes, e a paz que há neles, pois são longe?  
Paisagens, isto é, ninguém?*

*Tenho a alma feita para ser de um monge  
Mas não me sinto bem,  
Que naquilo em que pus tamanho amor  
Não vi senão desgosto e desamor  
E morte, enfim, que mais não pode ser.*

*Se eu fosse outro, fora outro. Assim  
Aceito o que me dão  
Como quem espreita para um jardim.*

*Pois vida me não farta de viver,  
Pois já sei que não mata grande dor,  
Se cousa há que magoa de maior  
Eu a verei: que tudo posso ver...  
Onde os outros estão.*



---

*Que outros? Não sei.*

*Há no sossego incerto  
Uma paz que não há,  
E eu fito sem o ler o livro aberto  
Que nunca mo dirá...*

*A morte, a meu pesar, me assegurou  
De quanto mal me vinha; já perdi  
O que a perder o medo me ensinou.  
Na vida, desamor somente vi.  
Na morte, a grande dor que me ficou.*

*Parece que para isto só nasci!*

## XII

---

*Oh como se me alonga de ano em ano  
A peregrinação cansada minha!  
Como se encurta  
E como ao fim caminha  
Este meu breve e vão discurso humano!*

*Tenho dito tantas vezes  
Quanto sofro sem sofrer,  
Que me canso dos revezes  
Que sonho  
Só para os não ter.*

*Perde-se-me um remédio  
Que inda tinha;  
Vai-se gastando a idade  
E cresce o dano:  
Se por experiência se adivinha,  
Qualquer grande esperança  
É grande engano.*

*E esta dor que não tem mágoa,  
Esta tristeza intangível,  
Passa em mim como um som de água  
Ouvido num outro nível.*

---

*Corro após este bem  
Que não se alcança;  
No meio do caminho me falece;  
Mil vezes caio  
E perco a confiança.*

*Quando ele foge, eu tardo,  
E, de aí, talvez que seja  
Uma nova antiga dor  
Que outra minha vida esteja  
Lembrando no meu torpor*

*E, na tardança,  
Se os olhos ergo,  
A ver se ainda aparece,  
Da vista se me perde  
E da esperança.*

*E é como a aragem que nasce  
De ouvir música e sentir...  
Ah, que a emoção em mim passe  
Como se a estivesse a ouvir!*

### XIII

---

*Aquela  
Triste e leda madrugada  
Cheia toda de mágoa e de piedade*

*— Momento imperceptível!  
Que coisa foste, que há já em mim  
Qualquer coisa  
Que nunca passará? —*

*Enquanto houver  
No mundo saudade,  
Quero que seja sempre celebrada.*

*Ela só,  
Quando amena e marchetada saía,  
Dando ao mundo claridade,  
Viu apartar-se duma outra vontade  
Que nunca poderá ver-se apartada.*

*Mas  
Nada só que fosse,  
Fica dela um ficar  
Que será suave ainda  
Quando eu a não lembrar.*

---

*Ela só  
Viu as lágrimas em fio  
Que de uns e doutros olhos derivadas  
Se acrescentaram  
Em grande e largo rio.*

*Ela  
OuvIU as palavras magoadas  
Que puderam tornar o fogo frio  
E dar descanso  
As almas condenadas.*

*Sei que, passados anos,  
O que isto é lembrarei,  
Sem saber já o que era,  
Que até já o não sei.*

*Que noite serena!  
Que lindo luar!  
Que linda barquinha  
Bailando no mar!*

*Mudam-se os tempos,  
Mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser,  
Muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança  
Tomando sempre  
Novas qualidades.*

*Continuamente vemos novidades  
Diferentes em tudo  
Da esperança;  
Do mal ficam as mágoas na lembrança  
E do bem  
— Se algum houve — as saudades.*

*Suave, todo o passado,  
O terceiro andar das tias,  
O sossego de outrora,  
Sossego de várias espécies,  
A infância sem futuro pensado,  
O ruído aparentemente contínuo  
Da máquina de costura delas  
E tudo bom e a horas,  
De um bem e de um a-horas próprio,  
Hoje morto...*

---

*E afora este mudar-se cada dia,  
Outra mudança faz de mor espanto,  
Que não se muda já como soía.*

*O que foi aqui de Lisboa me surge...  
Meu Deus, que fiz eu da vida?  
O tempo cobre o chão de verde manto,  
Que já coberto foi de neve fria,  
E em mim  
Converte em choro o doce canto.*

*Que noite serena, etc.*

*Quem é que cantava isso?  
Isso estava lá.  
Lembro-me mas esqueço.  
E dói, dói, dói...*

*Por amor de Deus,  
Parem com isso dentro da minha cabeça.*

*READ & MAD, uma edição & etc, é uma superprodução de Publicações Culturais Engrenagem, Lda., Rua da Emenda, 30, subterrâneo 3, 1200 Lisboa — Tel. 37 19 55. Realizou e montou Alberto Pimenta; figuraram Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa; participação especial de Monsieur Marcel Duchamp e São João Baptista; foi composto e impresso em Março de 1984 nos ateliers da Minigráfica, Cooperativa de Artes Gráfica, CRL, Rua da Alegria, 30 — Tel. 36 47 20 — 1200 Lisboa; tiraram-se 1000 exemplares.*

© República Portuguesa em mancebia com Alberto Pimenta.



